

# O Neolítico antigo do interior alentejano: leituras a partir do sítio da Valada do Mato (Évora)

■ MARIANA DINIZ\* ■

**RESUMO** O presente texto tem como objectivo a apresentação dos resultados obtidos em três campanhas de escavação realizadas em 1995, 1998 e 1999 no sítio do Neolítico antigo da Valada do Mato, Évora.

Foi escavada uma área contínua de aproximadamente 56 m<sup>2</sup>, onde foi possível reconhecer a existência de três realidades distintas. Uma primeira unidade composta por um sedimento arenoso, que em alguns pontos atinge os 70 cm de espessura, e que contém abundante material lítico de cariz micro-laminar e fragmentos cerâmicos de muito pequenas dimensões. Esta unidade cobre um nível de ocupação, com desigual preservação, no qual se identificou para além de uma estrutura pétreia de forma aparentemente ovóide, com cerca de 3 m x 2 m, e função não detectada, uma dispersão de blocos de granito de pequenas e médias dimensões associados a material cerâmico bem conservado, a uma indústria micro-laminar, a fragmentos de artefactos em pedra polida, a raros elementos de mó.

A matéria orgânica recolhida no sítio consiste em pequenos nódulos de carvão e esquirolas de osso, apresentando sinais de combustão intensa, encontrando-se o osso e o carvão dispersos pela área escavada. Não foram identificados, até ao momento, macro-restos vegetais.

Não existem, ainda, datações absolutas para este sítio, tornando-se assim os dados da cultura material o único elemento que permite estabelecer cronologias provisórias para a implantação neolítica da Valada do Mato.

Considera-se, neste momento, que a ocupação registada corresponde a um momento cultural homogéneo, não sendo possível através de estratigrafia ou dos dados da cultura material definir uma diacronia de utilização do sítio.

A aproximação à estratégia paleo-económica desenvolvida por este grupo será ensaiada a partir da interpretação da componente artefactual, dada a ausência de indicadores económicos directos.

O sítio neolítico da Valada do Mato implanta-se numa área onde, até ao momento, são desconhecidas ocupações humanas atribuíveis ao Mesolítico, pelo que a presença desta ocupação

**ABSTRACT** This paper presents the results from three seasons of excavation carried out in 1995, 1998, and 1999 in the Early Neolithic site of Valada do Mato, Évora. A continuous area of approximately 56m<sup>2</sup> was excavated, where it was possible to identify the existence of three distinct components. The first unit was composed of sandy sediment, which in some areas reached a thickness of 70 cm, and which contains abundant lithic material of a micro-blade character and ceramic fragments of very small size. This unit overlies a level of occupation, of unequal preservation, in which was found, in addition to a stone structure of ovoid form, of around 3 x 2 m and of an unknown function, a dispersion of small- and medium-size granite blocks associated with well-preserved ceramic material, bladelet industry, fragments of polished stone artifacts, and rare grinding stone elements.

The organic material collected at the site consists of small charcoal nodules and bone splinters, showing signs of intense combustion, with the bone and charcoal found dispersed throughout the excavated area. Macrobotanical remains have not yet been identified. At this time, using material culture data and an absolute date, the Neolithic site of Valada do Mato seems to have been occupied during the end of the 6<sup>th</sup>/first quarter of the 5<sup>th</sup> millennium BC.

Furthermore, an approximation of the palaeoeconomic strategy carried out by this group will be summarized through the interpretation of the artifactual component, owing to the absence of direct economic indicators.

The Neolithic site of Valada do Mato is situated in an area where no Mesolithic human occupations are known, to date, suggesting that this area was an empty landscape when Neolithic populations arrived.

The analyses, still in progress, of the data collected at Valada do Mato show evidence

pode indicar a ocupação de “terras de ninguém” por parte das economias agro-pastoris.

A análise, ainda em curso, dos dados recolhidos na Valada do Mato evidencia um imbricado conjunto de características que, para já, não permite a opção linear por algum dos modelos de neolitização em discussão para o espaço peninsular.

Se alguns elementos estariam conformes a um modelo de cariz difusionista, uma vez que apresentam semelhanças nítidas com o repertório associado aos grupos cardiais ou epi-cardiais, algumas técnicas empregues na realização da utensilagem lítica enquadram-se na tradição do talhe mesolítico do Sul do actual território português.

Os dados da Valada do Mato devem, por isso, ser sistematicamente contrastados com o material proveniente dos sítios mesolíticos do Algarve, da costa sudoeste, das bacias do Tejo e do Sado e com a informação recolhida nos sítios neolíticos do Sul e do Centro de Portugal, procurando inventariar continuidades e rupturas.

of an overlapping set of characteristics which, for now, do not support a linear option between some of the current models for the neolithization of Iberia.

Some data support a diffusionist model, in that they present similarities with cardial or epi-cardial groups, while some techniques used in the production of lithic tools can be situated in the tradition of Mesolithic stone-working in southern Portugal.

For this reason, the data from Valada do Mato need to be systematically contrasted with the material from Mesolithic sites in the Algarve, from the southwest coast, from the Tejo and Sado basins, and with the data recovered from Neolithic sites of the South and the Center of Portugal, in order to identify continuities and discontinuities.

## Pré-escrito

---

Este trabalho incide sobre o conjunto de dados recolhidos em três campanhas de escavação realizadas no sítio do Neolítico antigo da Valada do Mato, Évora. Esta informação constituirá o núcleo de um trabalho de investigação que deve culminar com a realização da tese de doutoramento da signatária, orientada pelo Prof. Dr. Victor S. Gonçalves, a apresentar à Universidade de Lisboa, num futuro breve.

Este não é, assim, um texto final sobre a Valada do Mato e o papel que este sítio possa ter desempenhado na neolitização do actual território português, ao contrário assume-se enquanto ponto de partida, sujeito, por isso, a correcções e alterações inevitáveis num discurso em construção.

O sítio da Valada do Mato pertence ao conjunto de ocupações atribuídas ao Neolítico antigo, identificadas ao longo dos anos 90 no interior alentejano, nas Beiras (Valera, 1998) em Trás-os-Montes (Sanches, 1997), que permitiram ultrapassar uma das imagens clássicas acerca da Pré-história peninsular, a da neolitização enquanto fenómeno essencialmente costeiro nas fases antigas e da ocupação do interior num momento tardio, associado ao Neolítico médio e à emergência do megalitismo funerário.

A neolitização dos territórios de interior não resulta certamente de um processo unimodal. Os dados da Valada do Mato permitem a aproximação a uma dessas histórias.

## I. Identificação, localização e implantação

---

O sítio da Valada do Mato foi identificado em 1992, por Manuel Calado, que também co-dirigiu a primeira campanha de escavações no local. Dessa primeira campanha foi publi-

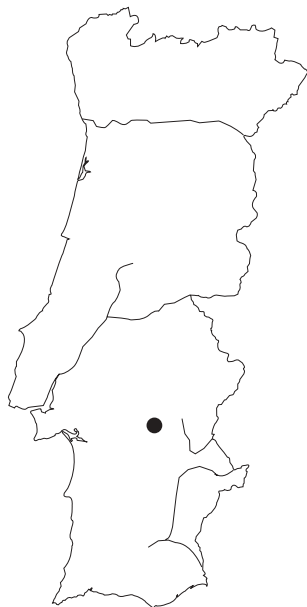


FIG. 1 – Localização do sítio da Valada do Mato no território português.



FIG. 2 – Localização do sítio da Valada do Mato na folha n.º 448 da Carta Militar de Portugal dos Serviços Cartográficos do Exército 1: 25 000.

cada uma breve notícia que sumariamente inventariava algumas questões que o sítio colocava (Diniz e Calado, 1997).

O povoado integra-se numa densa mancha de povoamento neolítico detectada, por este arqueólogo, nos arredores de Évora, durante as campanhas de prospecção destinadas a contextualizar espacialmente o recinto megalítico de Vale Maria do Meio (Calado e Sarantopoulos, 1995).

O sítio localiza-se no distrito e concelho de Évora, na freguesia de S. Matias, na Herdade do Azinhal, com a latitude de  $38^{\circ} 36' 32''$ N, longitude de  $7^{\circ} 59' 19''$  E, a 340 m de altitude (folha n.º 448 da Carta Militar de Portugal 1: 25 000).

O sítio da Valada do Mato ocupa, actualmente, o topo e uma pequena plataforma de um interflúvio, alongado na direcção NE-SW, de topo aplanado, que se integra numa superfície da aplanagem regional, bem conservada, entre as cotas 360-380. Actualmente é dissecado por duas linhas de água, ribeira de S. Matias e ribeira de Valverde, de direcção geral NE-SW, que rebaixaram a paisagem para SW.

A área escavada situa-se numa rechã a cerca de 340 m, na vertente voltada a SE dominando o vale da ribeira de Valverde, e possuindo nesta direcção um controle de paisagem significativo. Ao contrário, para Norte e Nordeste a visibilidade a partir do sítio é quase nula.

As duas plataformas, onde se recolheram abundantes materiais arqueológicos, apresentam uma escassa cobertura arbustiva, e não atingem 1 ha de superfície. A prospecção das áreas envolventes não evidenciou quaisquer traços de ocupação humana.

O sítio implanta-se numa área de granitos, caracterizada pela presença de grandes penedos que parecem constituir um marcador paisagístico comum nas ocupações do Neolítico antigo do interior alentejano.

Ainda que não seja possível classificar esta como uma implantação de altura, a localização do povoado da Valada do Mato não pode, também, ser integrada no conjunto das ocupa-

ções registadas em áreas planas e abertas, e de grande extensão que caracterizam os modelos do povoamento litoral do Neolítico antigo/evolucionado no Sul do actual território português.

## 2. Trabalhos efectuados

---

O sítio da Valada do Mato foi, até ao momento, alvo de três campanhas de escavações realizadas em 1995, 1998 e 1999. As intervenções foram subsidiadas pelo Instituto Português de Arqueologia no âmbito do projecto de investigação “A Neolitização no Interior Alentejano”, pela Câmara Municipal de Évora e pela Fundação Calouste Gulbenkian.

Os trabalhos realizaram-se na plataforma inferior do esporão e consistiram na abertura de uma primeira sondagem com 12 m<sup>2</sup>, no extremo Sudeste da rechã, a partir da qual se prolongou para Noroeste, nas campanhas seguintes, a quadrícula de escavação. O povoado da Valada do Mato apresenta, concluídos os trabalhos da campanha 3(99), uma área escavada de cerca de 56 m<sup>2</sup>.

A metodologia empregue seguiu os pressupostos da escavação em área, através de níveis naturais, associada ao registo individual de materiais por quadrado, com 1 m de lado, com referência à unidade estratigráfica de proveniência. O registo tridimensional não foi utilizado durante a escavação da unidade estratigráfica 1, uma vez que se tornou evidente a posição secundária dos artefactos aí recolhidos.

Todo o sedimento proveniente das áreas escavadas foi crivado em crivos secos.

As escavações efectuadas e os trabalhos de gabinete associados contaram com a participação de alunos e licenciados do curso de História, variante Arqueologia da Faculdade de Letras de Lisboa, dos quais importa destacar os nomes de Pedro Mendes, Ângela Ferreira, Alexandre Gonçalves e Manuela Coelho.



FIG. 3 – Vista geral da área escavada em 1995.



FIG. 4 – Aspecto da escavação de U.E. 5, na campanha 2(98).



FIG. 5 – Recipiente cerâmico quebrado em conexão.

### 3. Descrição estratigráfica e tafonomia

---

Nas três campanhas já efectuadas no povoado da Valada do Mato foi definida uma sequência estratigráfica composta por cinco unidades distintas assentes no granito de base, que foi atingido apenas numa área reduzida de 2 m<sup>2</sup>, e que apresenta uma topografia muito irregular.

U.E.1 – Unidade estratigráfica superficial, de formação natural, detectada em toda a área de escavação, composta por um sedimento arenoso, fino, não compactado, de coloração castanha homogénea (Munsell 10YR 5/3), e de espessura variável, oscilando entre os 30 cm no limite NE da área escavada e os cerca de 60 cm no limite NW da quadrícula. Nesta unidade estratigráfica detectou-se a presença de raízes das oliveiras mais próximas, sendo igualmente frequentes pequenos carvões e esquirolas de osso carbonizado.

Entre os materiais arqueológicos recolhidos são muito abundantes os de pedra lascada. Os materiais cerâmicos consistem em fragmentos de recipientes muito desgastados e de pequenas dimensões, 2-3 cm, traduzindo a intensidade de processos pós-deposicionais. Esta unidade de formação natural terá sido sujeita a processos de erosão diferencial que justificam a pouca espessura registada junto a base da vertente e a maior potência sedimentar verificada num ponto mais elevado desta plataforma. Esta unidade cobre U.E. 2, U.E. 3 e U.E. 5.

U.E. 2 – Unidade estratigráfica de origem natural, detectada em toda a área de escavação à excepção da área ocupada por U.E. 5, que consiste num sedimento muito arenoso, fino, não compactado, de coloração castanha homogénea (Munsell 10YR 5/3). Esta unidade corresponde à matriz sedimentar que contém a U.E. 3.

O critério utilizado para distinguir U.E.1 e U.E. 2, unidades que apresentam um sedimento idêntico, assenta na existência em U.E. 2 de fragmentos cerâmicos de dimensões consideráveis, com arestas vivas e superfícies bem conservadas, alguns dos quais permitiram colagens. É igualmente abundante o material lítico de pedra lascada.

U.E. 3 – Unidade estratigráfica aparentemente formada pela acção de processos pós-deposicionais e que consiste num “empedrado”, pouco organizado, composto por blocos de granito de pequenas e médias dimensões e raros seixos de quartzito, dispersos pela área de escavação de forma mais ou menos consistente.

Este “empedrado”, cuja função ainda não foi esclarecida, assenta quer sobre os afloramentos de base, quer sobre a U.E. 4, unidade definida em 1(95).

Esta unidade poderá corresponder ao derrube parcial e dispersão de materiais provenientes de U.E. 5 e de outras áreas de cota superior.

A presença, nesta unidade, de seixos de quartzito, que não existem no substrato geológico do sítio, dispersos pela área de escavação e fracturados por acção do calor, que terão seguramente integrado estruturas de combustão, demonstra a origem secundária, pelo menos em parte, desta realidade. Os factores pós-deposicionais que criaram este caos de pedras, onde se torna difícil distinguir “ruído” e “informação” não parecem ter agido sobre o material arqueológico de U.E. 2, nomeadamente fragmentos cerâmicos bem conservados, com arestas vivas e superfícies sem desgaste, e uma percentagem significativa de material lítico de muito reduzidas dimensões, indicadores da preservação *in situ* das camadas.

U.E. 4 – A unidade estratigráfica 4 foi apenas detectada nos quadrados 197.400 e 198.400, escavados na campanha 1(95), e consiste num areão estéril, muito compacto,

de coloração castanha acinzentada clara (Munsell 10YR 6/2), com uma espessura que oscila entre os 20 e os 40 cm. As unidades 2 e 3 cobriam este areão que assentava directamente no granito de base. A ocupação neolítica materializada nas unidades 2, 3 e 5 parece assim representar a primeira implantação neste espaço.

U.E. 5 – Unidade estratigráfica de formação artificial, ainda não definida na totalidade, corresponde a uma estrutura pétreia aparentemente ovóide composta por blocos de granito de dimensões médias. O eixo maior da estrutura apresenta pouco mais de 3 m de comprimento e o eixo menor cerca de 2 m. Entre os blocos de pedra foram recolhidos raros fragmentos cerâmicos. Em redor desta estrutura parece existir uma “área reservada”, uma vez que são quase inexistentes os blocos de granito de pequenas e médias dimensões que cobrem a restante área escavada. Não está ainda esclarecida a sua relação estratigráfica com U.E. 2 e U.E. 3., sendo possível que U.E. 3 traduza em parte o derrube/desmantelamento de U.E.5.

U.E.5 é interpretada como uma unidade criada aquando da ocupação pré-histórica do sítio. Esta unidade será desmontada na campanha a realizar no Verão de 2000 esperando-se, assim, definir a sua funcionalidade.

No sítio da Valada do Mato não foram, até ao momento, identificadas estruturas próprias dos espaços de *habitat*. Não foi, ainda, possível identificar qualquer fundo de cabana, estrutura de combustão, fossas de lixo ou armazenagem. A dispersão pela totalidade da área escavada dos pequenos nódulos de carvão, dos fragmentos de osso carbonizado e dos raros termoclastos recolhidos não permite sequer identificar áreas com funcionalidades específicas. A presença de blocos de granito de pequenas e médias dimensões numa área tão vasta cria uma realidade sem paralelos nos sítios neolíticos do actual território português, onde estão sobretudo inventariados pequenos empedrados de formas circulares ou ovais.

A estrutura identificada como U.E. 5 não possui igualmente paralelos imediatos no nosso território. A ausência de sinais de fogo nas pedras que integram a estrutura afasta-a do grupo de “empedrados” que têm sido considerados como áreas para assar.

O sítio da Valada do Mato apresenta uma baixa resolução estratigráfica à qual se associam nítidas dificuldades interpretativas.

Não são visíveis, macroscopicamente quaisquer diferenças entre o sedimento que constitui U.E. 1, o nível superficial, e o sedimento que contém os restos da ocupação neolítica, registada nas U.E. 2/3 e 5. No entanto, as distintas realidades arqueológicas que se identificaram tornam pertinente a diferenciação entre uma camada inicial sem blocos de granito e com material cerâmico de dimensão muito reduzida, e um horizonte antrópico que apresenta, em simultâneo, realidades artefactuais bem preservadas e realidades “estruturais” pouco coerentes.

Neste momento, parecem pouco claros os fenómenos naturais e/ou culturais que afectaram o sítio após o seu abandono. Uma exposição prolongada aos agentes naturais, das U.E. 2/3 e 5, que justificaria o aparente caos de blocos de granito dispersos pela área escavada, a posição secundária dos termoclastos, e a descontextualização dos nódulos de carvão e dos restos de osso, não parece, no entanto, compatível com o que se observa no campo artefactual.

A presença, em número significativo, de esquirolas e restos de talhe de dimensões milimétricas, é considerada um atributo das camadas arqueológicas bem conservadas. As abundantes colagens que tem vindo a ser conseguidas, a identificação no terreno de fragmentos do mesmo recipiente, ainda em conexão, e a dimensão média dos fragmentos recuperados são também indicadores de níveis pouco perturbados.



FIG. 6 – Colagem do recipiente da Fig. 5 (Foto V.S. Gonçalves).



FIG. 7 – Escavação das unidades 2/3 na campanha 2(98).





FIG. 8 – Vista do final da campanha 3(99).

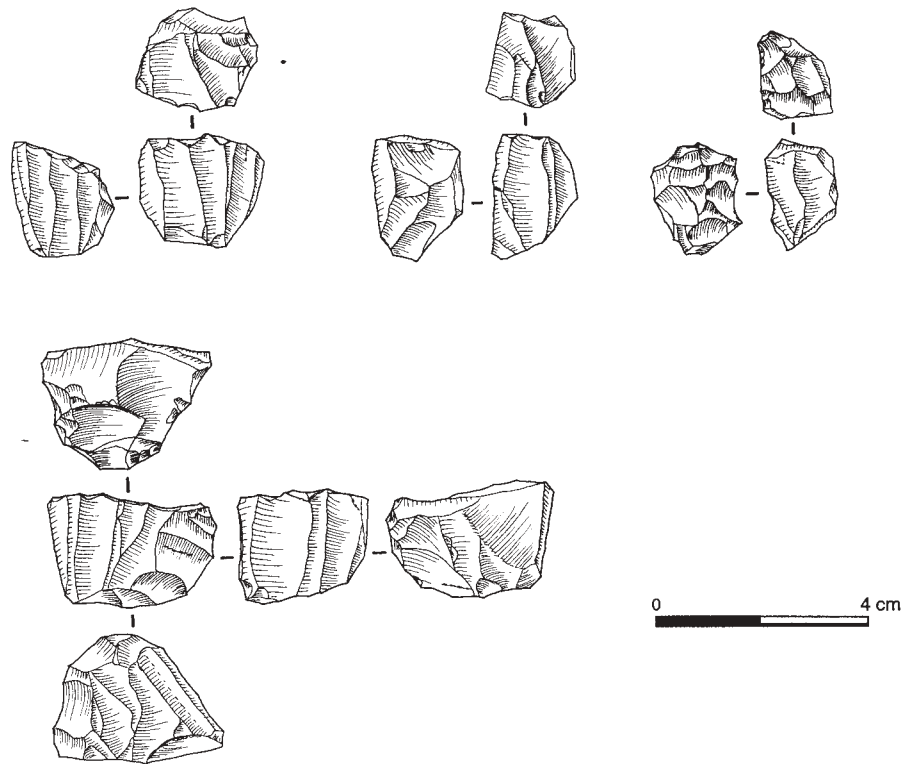


FIG. 9 – Núcleos de sílex.

A densidade registada de artefactos líticos em pedra lascada, 160/m<sup>3</sup> ou 60/m<sup>2</sup>, não sendo aqui utilizada para discutir a funcionalidade do sítio, apresenta valores muito superiores aos estimados para contextos secundários.

Estabelecer o conjunto de fenómenos pós-deposicionais que afectaram a ocupação neolítica da Valada do Mato, que permite avaliar a fiabilidade do quadro observado e a eficácia das hipóteses explicativas, é um dos objectivos centrais do programa de investigação a desenvolver.

## 4. Dados da cultura material

---

O conjunto artefactual recuperado inscreve-se nalgum momento do Neolítico antigo, não existindo qualquer vestígio de uma posterior reutilização do sítio. Os materiais recolhidos são por isso interpretados como resultado de uma única ocupação, culturalmente homogénea, ainda que não seja possível precisar e estabelecer a cronometria desta etapa neolítica.

A componente artefactual constitui, neste momento, o elemento central a partir do qual se poderão discutir cronologias, estratégias económicas e filiações culturais desta ocupação.

### 4.1. Inventário geral

As três campanhas de escavação já realizadas e as pontuais recolhas de superfície que acompanharam as intervenções forneceram um conjunto artefactual composto por 3539 registos de escavação, aos quais se acrescentam cerca de 32 kg de cerâmica comum, e 608 artefactos de superfície.

O tratamento integral e detalhado da informação recolhida reserva-se para outro contexto, procurando-se agora fornecer uma primeira panorâmica dos dados obtidos.

### 4.2. Pedra lascada

Apresentam-se os primeiros resultados de uma leitura que procura definir tecnologias, tipologias e funcionalidades. Reconhece-se aqui os limites inerentes a uma abordagem clássica, centrada na análise directa do material arqueológico e da bibliografia disponível, e que, para já, não inclui talhe experimental, remontagens e análises traceológicas.

O conjunto dos materiais em pedra lascada, provenientes de escavação e superfície, é composto por 3360 registos e nele estão representados restos de todas as etapas da cadeia operatória evidenciando o talhe de distintas matérias-primas no local.

Não foram ainda definidas as áreas de aprovisionamento dos distintos materiais utilizados sendo, no entanto, nítida a preferência pelas matérias-primas de boa fractura conchoidal não locais, que representam 2574 registos. Neste conjunto o sílex ocupa um lugar de destaque, sendo a exploração de outras rochas siliciosas, como o *chert*, pontual.

A debitage em quartzo e quartzo hialino está igualmente atestada por um conjunto de 596 registos. O quartzito, muito raro no sítio, não foi utilizado para produzir utensilagem em pedra lascada.

Regista-se ainda o uso esporádico, 190 registos, de rochas, certamente locais, e de má fractura conchoidal.

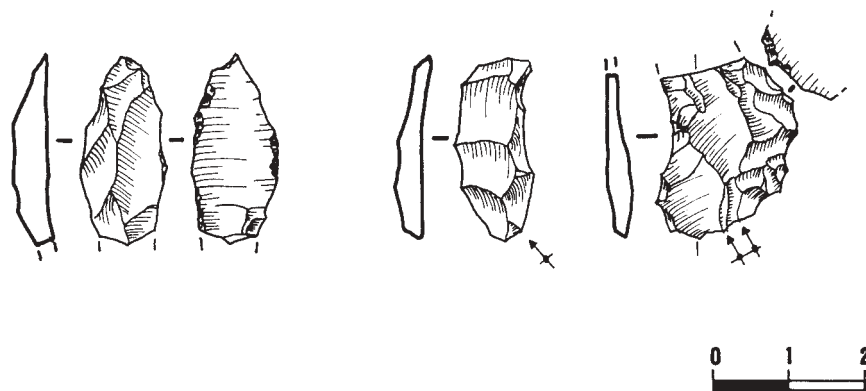


FIG. 10 – Material de preparação e manutenção dos núcleos: lamelas de crista e *tablette* de reavivamento.

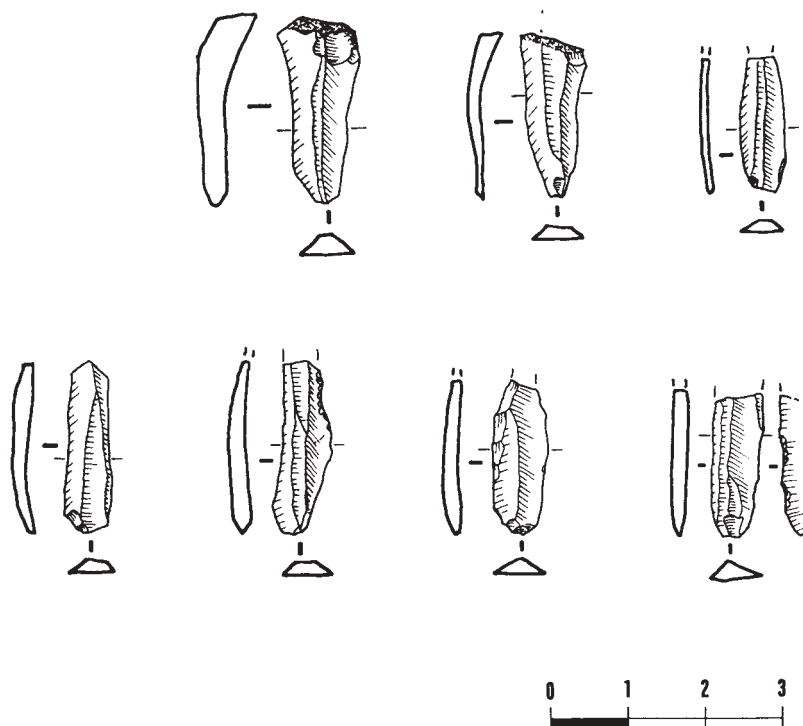


FIG. 11 – Lamelas de sílex, em bruto, os dois exemplares que apresentam ultrapassagem exibem córtex na extremidade distal, e com retoque marginal/traços de utilização.

A obtenção das diferentes matérias-primas empregues no fabrico da utensilagem lítica, no sítio da Valada do Mato, parece resultar de uma estratégia complexa de aprovisionamento, que prevê para além da exploração minoritária de recursos locais, a utilização sistemática de recursos não-locais conseguidos através de trocas ou resultado de mobilidades logísticas.

Neste momento em que se estabelecem as primeiras contagens sistemáticas podem ser avançados alguns números e enunciadas algumas características do talhe do sílex e rochas afins.

A indústria lítica recuperada no sítio da Valada do Mato é fundamentalmente uma indústria que resulta das fases plenas da debitage, orientada para a obtenção de produtos alongados de natureza lamelar, e onde é evidente um considerável investimento na manutenção/reavivamento dos núcleos.

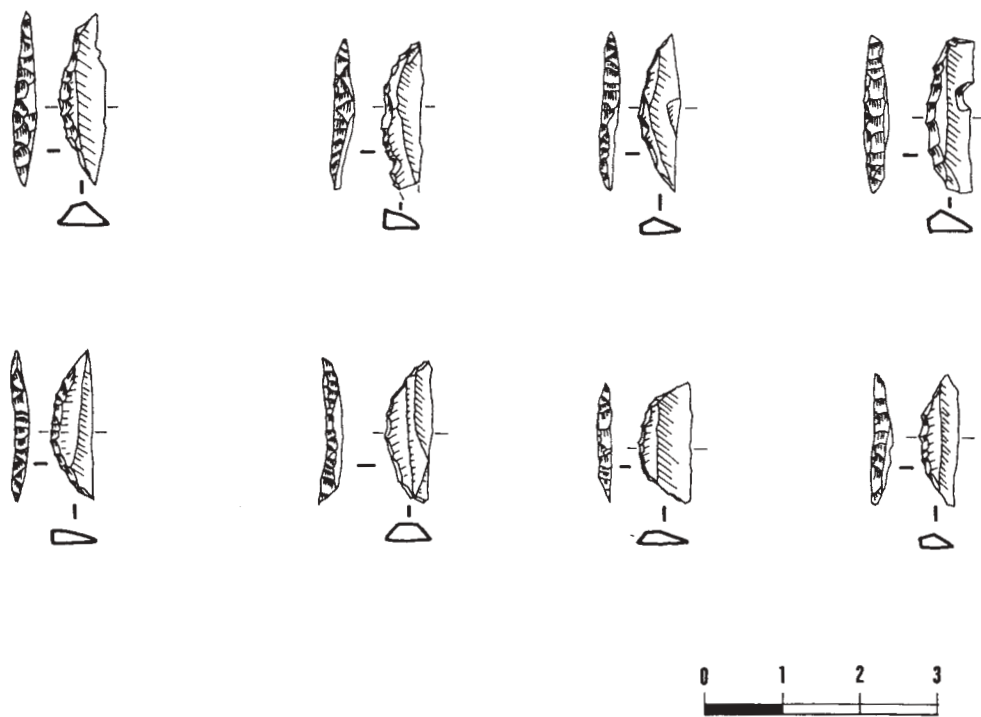


FIG. 12 – Segmentos.

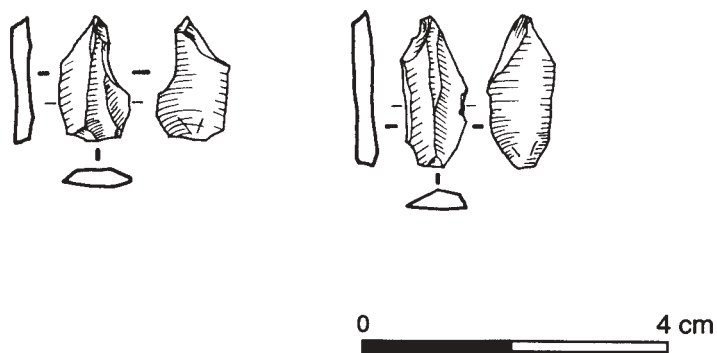


FIG. 13 – Microburis.

O pequeno número de peças com vestígios de córtex, sendo muito raras as totalmente corticais, indicia o transporte para o sítio de núcleos já limpos, na sua quase totalidade, do córtex original. Se o desbaste inicial não foi, sistematicamente, realizado no local todas as outras etapas de configuração e exploração dos núcleos estão claramente atestadas.

Os núcleos exibem métodos de talhe já atestados em outros contextos neolíticos, nomeadamente prismático, bipolar sobre bigorna e aleatório. O tratamento térmico está também registado quer sobre núcleos quer sobre os produtos de debitagem.

No conjunto recolhido identifica-se para além de núcleos, flancos e fragmentos de núcleo, uma percentagem muito significativa de sub-produtos de talhe, esquirolas e fragmentos informes. Estão também presentes lamelas de crista e *tablettes* de reavivamento das plataformas de talhe.

O objectivo da produção parecem ser, efectivamente, os produtos alongados, as lascas, sub-produtos das estratégias detalhe desenvolvidas no sítio, foram utilizadas em pequeno número quer como suporte de utensílios retocados quer como instrumentos *a posteriori*.

A utensilagem total, peças retocadas e peças com traços de utilização, apresenta cerca de 850 registos, sendo a percentagem de produtos com traços de utilização superior a 50 %.

O grupo das lamelas com retoque marginal, quase sempre descontínuo, é igualmente um grupo expressivo no conjunto. Até ao momento não foi detectado “lustre de cereal” em nenhum exemplar.

No campo da utensilagem retocada são raros os utensílios do fundo comum. Neste conjunto, realizado fundamentalmente sobre lamela, as armaduras parecem representar um grupo muito significativo, destacando-se aqui a componente geométrica que ultrapassa os 20% da utensilagem retocada, mas que constitui 10% apenas da utensilagem total, tendo sido recolhidos 67 crescentes, 15 trapézios e três triângulos.

Os geométricos terão sido obtidos através do emprego da técnica do micro-buril, 69 registos, aqui entendidos como sub-produtos de talhe e por isso não contabilizados no campo da utensilagem. Alguns dos micro-burils apresentam sinais de tratamento térmico.

As lamelas de dorso abatido são também frequentes, algumas pelas reduzidas dimensões que apresentam poderão ser fragmentos mesiais de segmentos, reforçando, assim, a importância das pontas de projectil no seio da indústria de pedra lascada. Raros entalhes, raras truncaturas e alguns espigões de furadores/brocas integram a amostra em estudo.

A transformação de suportes em utensílios obtém-se fundamentalmente pela utilização do retoque abrupto, estando no entanto representado o retoque em duplo bisel, presente num trapézio, e o retoque plano em duas peças classificadas como prováveis “flechas de Montclus”. A flecha transversal está representada por um exemplar.

#### 4.3. *Pedra polida*

Como em outros sítios do Neolítico antigo, são pouco frequentes na Valada do Mato os artefactos de pedra polida. Para além de um fragmento distal de enxó, e de um possível fragmento proximal de machado, foram recolhidas apenas lascas de rochas duras polidas, 5, que terão certamente pertencido a instrumentos desta categoria tipológica.

A raridade de machados e enxós em contextos do Neolítico antigo deve, em parte, justificar-se pelo padrão de utilização/abandono destes materiais no exterior dos contextos habitacionais. A sua raridade na Valada do Mato contrasta com a presença de utensilagem pesada destinada ao seu fabrico.

#### 4.4. *Pedra afeiçoada/com traços de utilização*

O conjunto dos materiais em pedra afeiçoada destinados a polir rochas duras é composto por um polidor de machados em granito de dimensões médias (35 cm x 20 cm), dois fragmentos de um polidor em grauvaque, e um afiador também em grauvaque. Esta utensilagem traduz uma importância do polimento da pedra, ou de outros materiais que, no entanto, não estão directamente representados no espólio recolhido.

Foi, ainda, recolhido um afiador em arenito destinado certamente a tratar osso ou madeira.

Não tendo, até ao momento recuperado qualquer elemento de dormente, os componentes de mó estão representados pela presença de 6 moventes, alguns dos quais fragmentados.

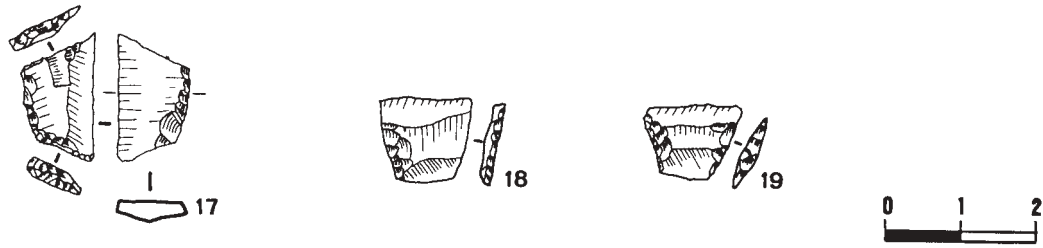


FIG. 14 – Trapézios, o n.º 17 com retoque em duplo bisel.



FIG. 15 – Fragmento distal de enxó.

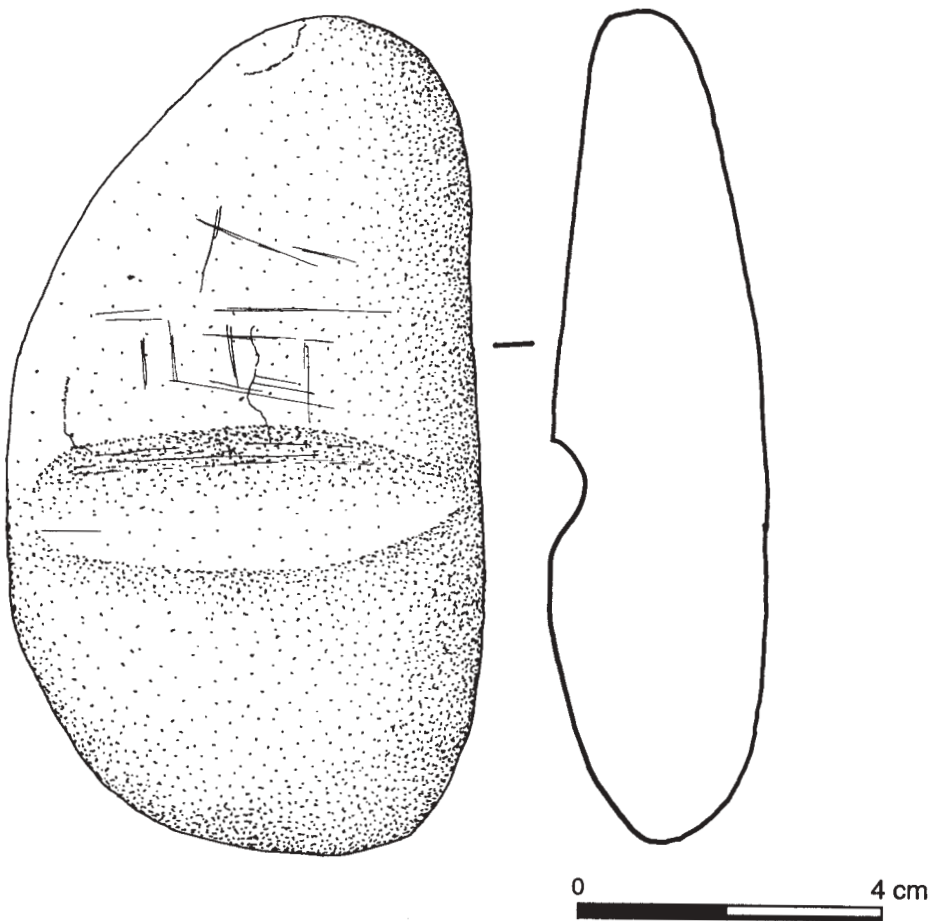


FIG. 16 – Polidor.

É de realçar a presença de 4 bigornas, por vezes com pontos múltiplos de utilização, em quartzo ou grauvaque.

Podem ser incluídos neste universo o pequeno conjunto de seixos rolados de quartzito fragmentados pelo calor, e pertencendo à categoria dos manuportes várias placas em bruto de xisto, um nódulo de óxidos de ferro, e um pequeno prisma de quartzo hialino.

#### 4.5. Cerâmica

A amostra de material cerâmico é composta por 670 registos de escavação, 33 de superfície e cerca de 32 kg de bojos lisos.

Provenientes das áreas escavadas são 314 bordos que irão corresponder a um número significativamente menor de recipientes, atendendo ao número de colagens que se têm vindo a efectuar. As reconstituições parciais ainda não estão concluídas pelo que não é possível apresentar agora o número mínimo de recipientes presentes.

Dos bordos recolhidos 64% apresenta algum tipo de decoração, sendo o universo dos bordos lisos apenas 37% do conjunto. Neste grupo foram incluídos bordos de muito pequenas dimensões e que poderão ter pertencido a vasos decorados, hipótese que a confirmar-se tornará esta percentagem ainda menor. Esta é, no entanto, a categoria individual com maior número de efectivos.

No campo dos bordos decorados, que conta com 200 fragmentos, aqueles que apresentam como única decoração motivos impressos são os mais frequentes representando cerca de 48% do conjunto. Contrastados com o número total de bordos apenas o grupo dos impressos atinge um valor semelhante aos dos bordos sem decoração.

Os motivos impressos registam-se ainda em bordos de recipientes que associam a esta técnica elementos de preensão e suspensão como asas, 4 exemplares, mamilos, 5 exemplares, e arranques fracturados de asas ou mamilos, 14 exemplares.

Os bojos impressos são também o grupo mais significativo no interior dos bojos decorados com 148 registos, a este número acrescentam-se 12 fragmentos que apresentam também mamilos ou arranques fracturados de asas ou mamilos. A listagem da cerâmica com decoração impressa inclui ainda 3 asas e 1 mamilo, isolados.

Numa contagem global de todos os registos atribuídos a recipientes cerâmicos, 668, verifica-se que a decoração impressa está presente em cerca de 43% dos fragmentos.

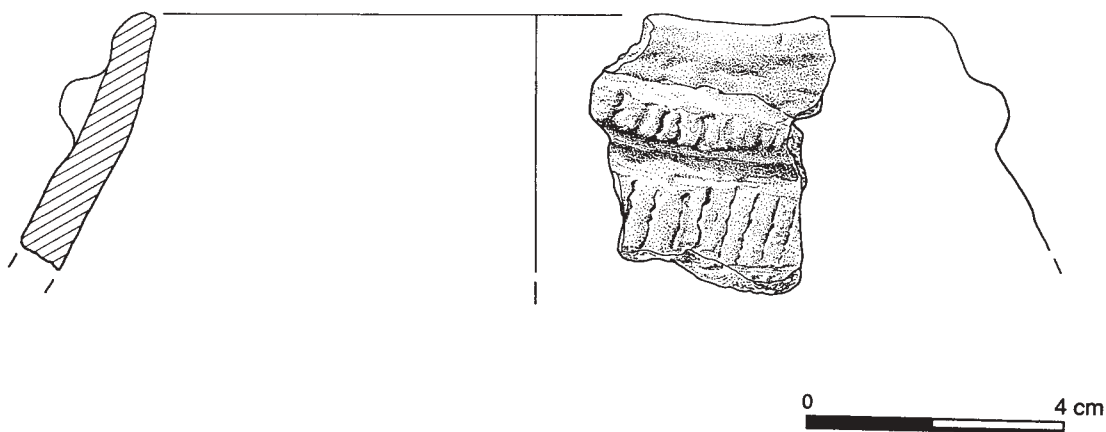


FIG. 17 – Fragmento cerâmico com cordão plástico e decoração cardial.

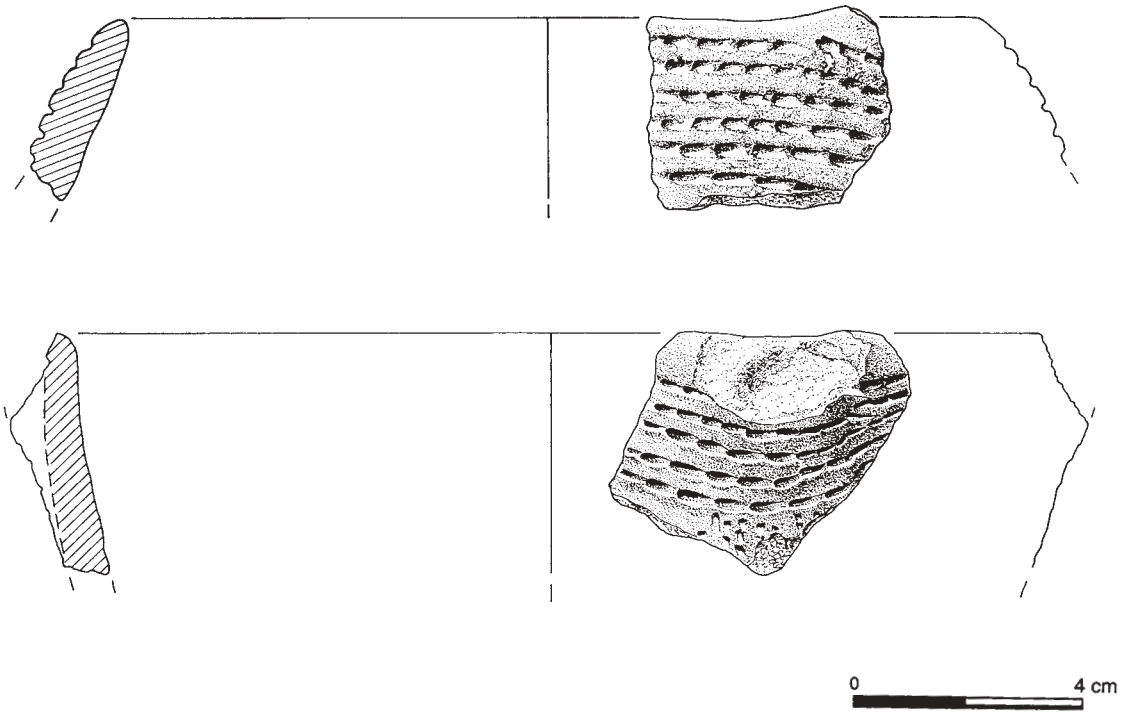


FIG. 18 – Fragmentos cerâmicos decorados com técnica de *punto y raya*.

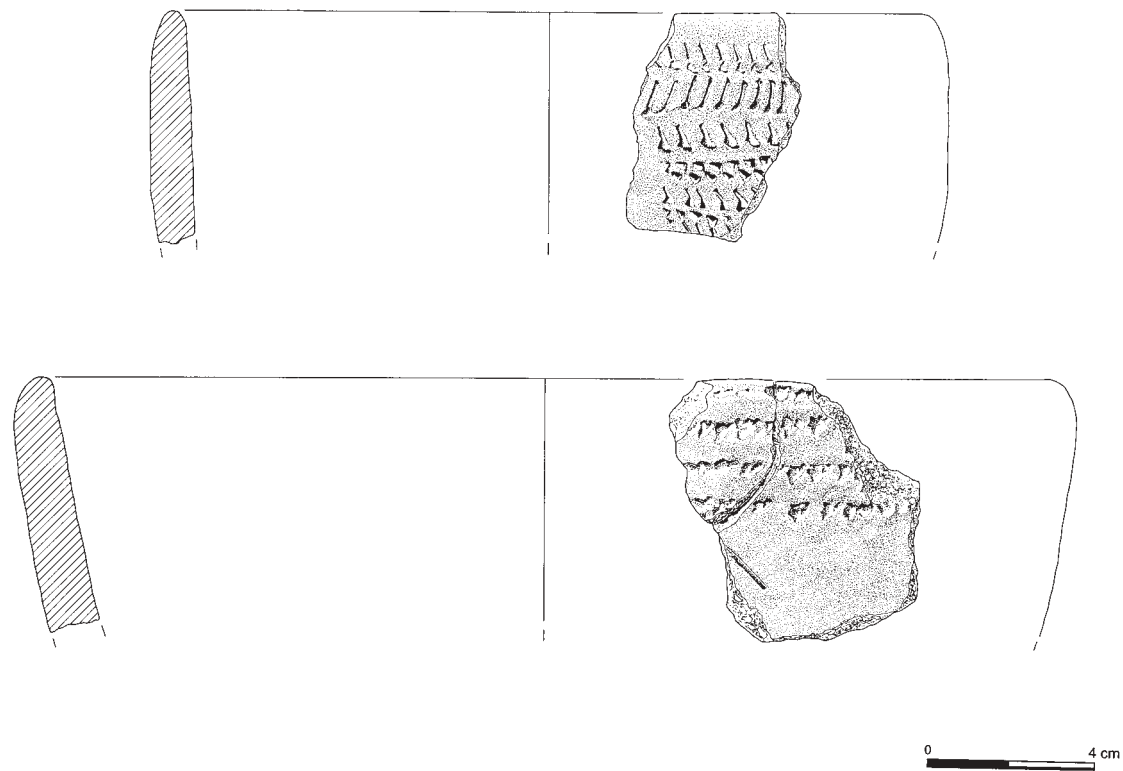


FIG. 19 – Fragmentos com decoração impressa.



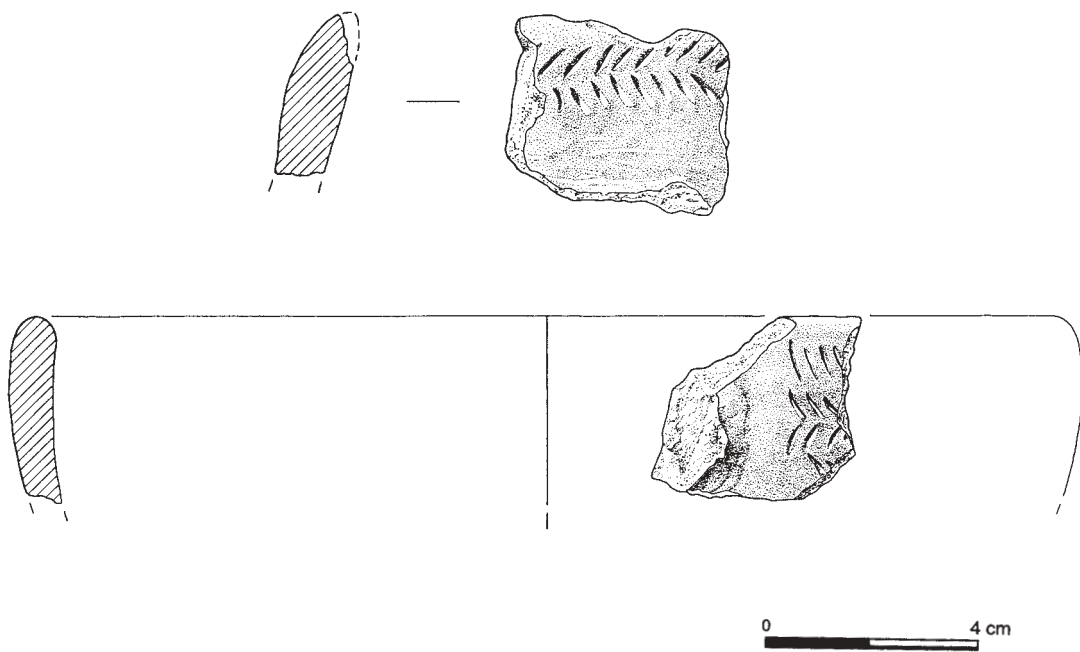


FIG. 20 – Fragmentos com decoração em espiga.

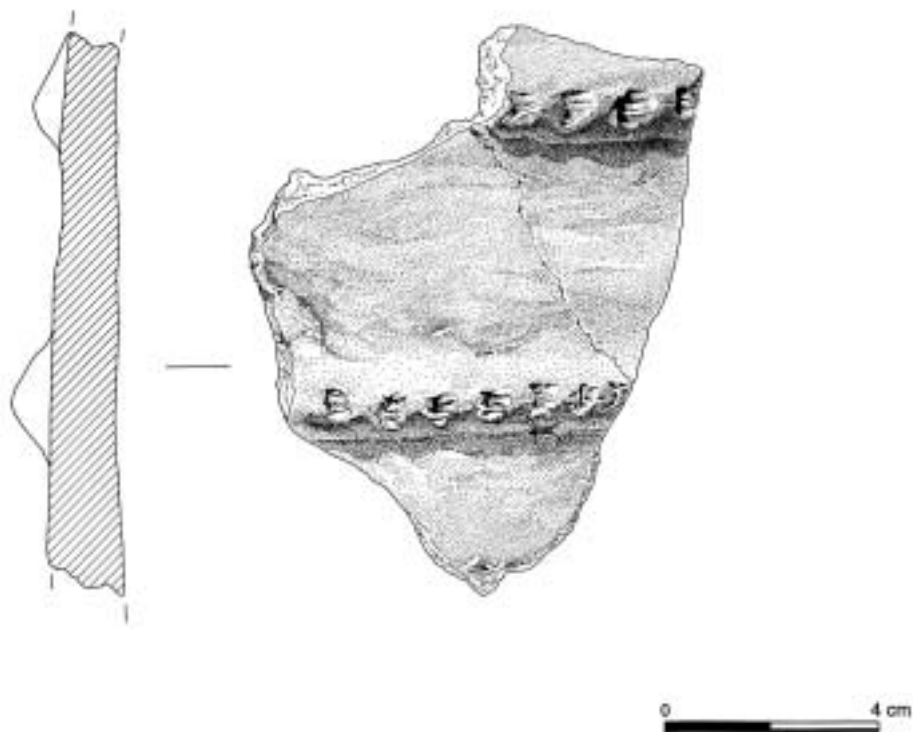


FIG. 21 – Parede de vaso de grandes dimensões, com aplicação de cordões plásticos impressos.



FIG. 22 – Fragmento de vaso com cordão plástico inciso e mamilo.

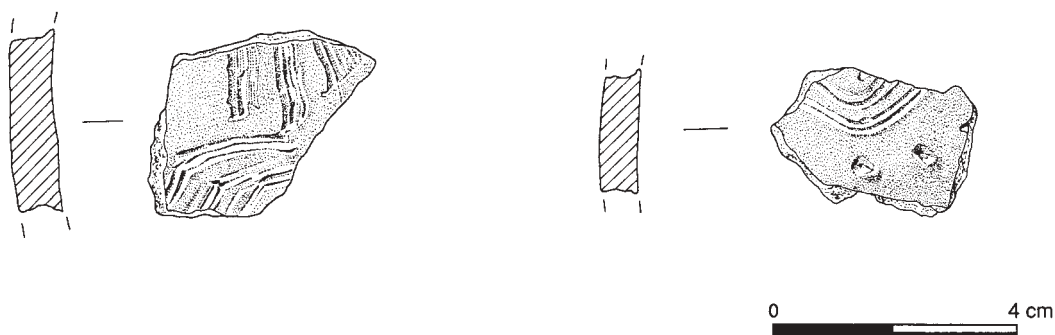


FIG. 23 – Fragmentos cerâmicos com decoração penteada.

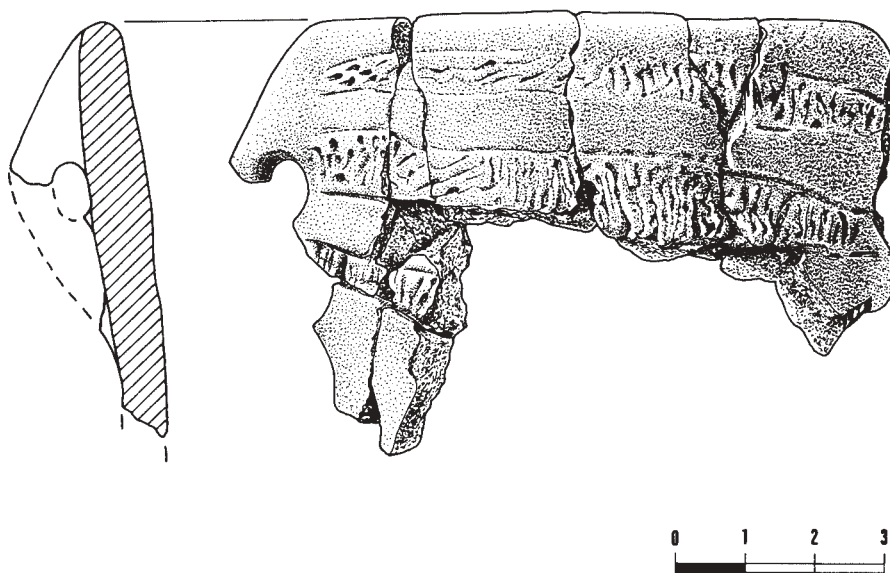


FIG. 24 – Fragmentos de vaso com asa perfurada e faixas incisivas paralelas ao bordo preenchidas por incisões finas e pouco organizadas.

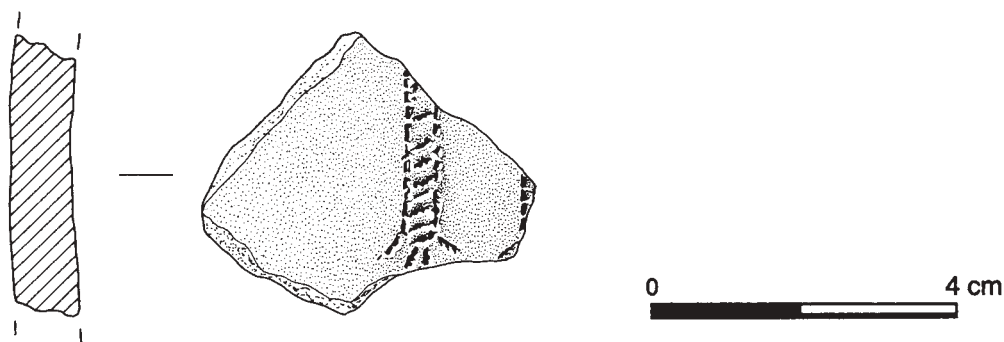


FIG. 25 – Fragmento com “figura orante” impressa.

No conjunto das cerâmicas impressas o peso das impressões cardiais é pouco significativo. A concha de *cardium* foi impressa sobre 3 bordos e 1 bojo provenientes de escavação, e 2 bojos de superfície. No total dos elementos cerâmicos não atinge sequer 1%. Outros motivos impressos caracterizam de facto este grupo: a impressão de punção em fiadas paralelas ou perpendiculares ao bordo, a impressão em “punto y raya”, impressão oblíqua de punção formando “espinhas”, impressão de unha ou meia cana. Está igualmente registada a utilização de outras matrizes menos evidentes criando padrões decorativos mais complexos.

A utilização da técnica da incisão está também registada, ainda que em número claramente inferior ao dos motivos impressos. Os bordos exclusivamente decorados através da incisão representam apenas cerca de 17% do total. A este número podem ser acrescentados 3 bordos que para além de incisões apresentam também mamilos. Os bojos incisos correspondem a 88 registos.

Entre os motivos construídos através da técnica da incisão registam-se as fiadas de linhas incisas, paralelas ou perpendiculares ao bordo, criando por vezes verdadeiras caneluras, as faixas incisas preenchidas por incisões oblíquas, as quadrículas muito finas.

Um outro conjunto com significado numérico é o constituído pelos recipientes de bordo liso com mamilos, 25 registos. Os bordos que apresentam cordões plásticos, lisos ou decorados, são em número de 8, sendo mais frequentes os fragmentos de bojo que apresentam esta particularidade, 22 exemplares.

Outras categorias de técnicas/motivos decorativos estão registadas ainda que com um número pequeno de efectivos, como sejam os fragmentos que exibem técnicas mistas de impressão/incisão, dois bordos e oito bojos, e os exemplares penteados com dois bojos.

Como seria de prever numa amostra de materiais cerâmicos com estas dimensões estão presentes recipientes distintos quanto à forma que apresentam e relativa função, quanto às pastas utilizadas no seu fabrico e quanto ao tratamento das superfícies que receberam.

Não estando concluído o inventário de formas existentes estão, no entanto, já identificadas as formas em fechadas, algumas em “saco” que parecem dominar o conjunto, tigelas fundas, taças, vaso de colo bem diferenciado, recipientes de paredes rectas. A capacidade dos contentores está, ainda, por definir, mas a simples análise dos fragmentos recolhidos indica que para além de pequenos vasos, eventualmente destinados ao consumo directo, estão presentes recipientes de dimensões médias e alguns vasos que, pela espessura das paredes que ultrapassa os 2 cm e a robustez dos elementos de decoração plástica, terão certamente funcionado como contentores de armazenagem.

Estes grandes vasos tendem a apresentar pastas grosseiras com abundantes elementos não plásticos de calibre médio. No entanto, as pastas mais frequentes no conjunto recolhi-

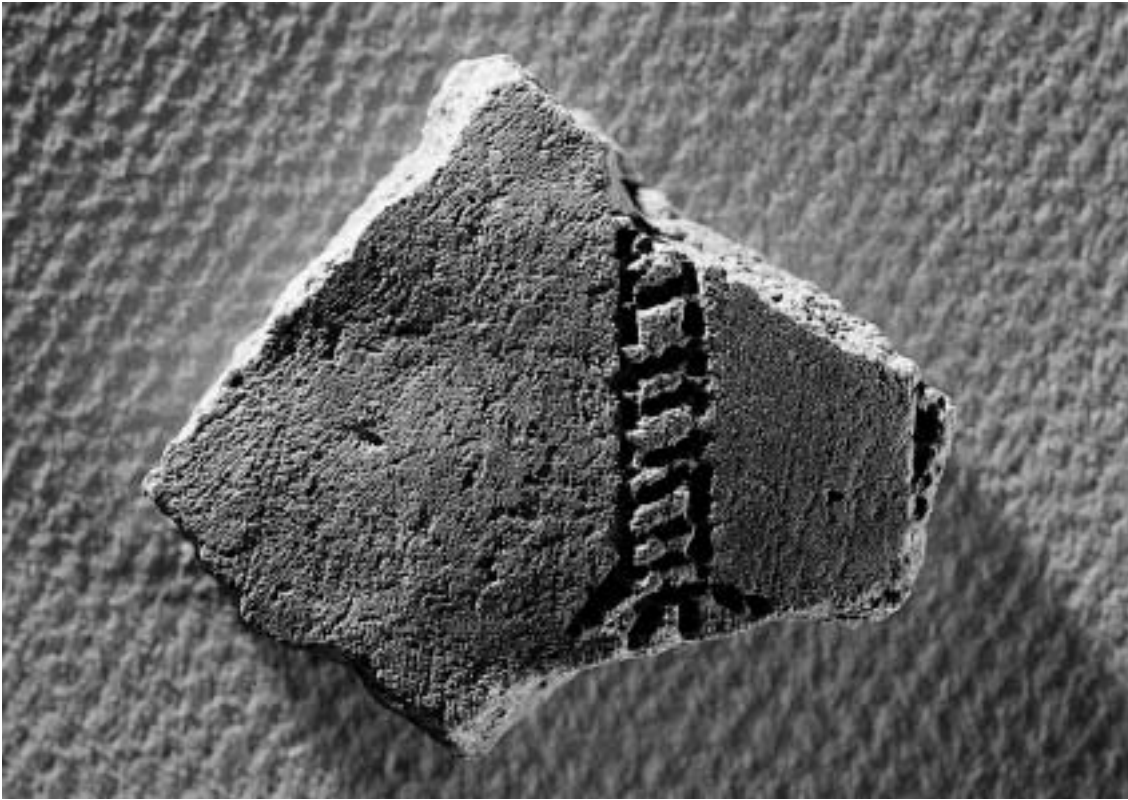


FIG. 26 – Fragmento com “figura orante”, foto V.S. Gonçalves.

do tendem a apresentar elementos não plásticos em número razoável e de pequena dimensão, com alguns exemplares de pastas compactas e onde macroscopicamente quase não são visíveis os desengordurantes da argila.

As superfícies das peças apresentam uma diversidade considerável de tratamentos. Para além das superfícies toscas ou simplesmente alisadas verifica-se em alguns fragmentos o polimento das paredes utilizando, por vezes, aguadas.

### 3.5.1. Colheres

Foram recolhidas duas colheres em cerâmica, de cabo muito curto. As colheres conhecidas nos espólios do Neolítico antigo cardial, por exemplo da região valenciana onde são esculpidas sobre osso, não estavam inventariadas em contextos do início do Neolítico no actual território português. Tradicionalmente associadas à transformação dos hábitos alimentares poderão, também aqui, ser encaradas como um traço indirecto da introdução de cereais nas dietas destas populações.

### 3.5.2. Cerâmica simbólica

Foi recolhido um fragmento de bojo com um motivo impresso, através de pequena matriz denteada, que pode representar um membro inferior de uma figura antropomórfica (?), com indicação de 4 dedos. Um motivo semelhante, paralelo ao primeiro e que constitu-

iria o outro membro, está quase totalmente afectado por um dos planos de fractura da peça. Este motivo decorativo apresenta semelhanças evidentes com as “figuras orantes” identificadas em material cerâmico impresso do Neolítico antigo cardial, da região valenciana (Martí Oliver et al., 1988).

O significado cronológico, mas sobretudo cultural de uma peça com estas características, mesmo tratando-se de um exemplar único, não pode ser diminuído.

As viagens das figuras simbólicas estão muitas vezes associadas a efectivas deslocações dos grupos que as criaram e que consigo as transportam.

#### 4.6. *Objectos de adorno*

Até ao momento, foram recuperados dois objectos de adorno em pedra. Uma pequena conta de colar discóide e um fragmento de pulseira de secção sub-rectangular em xisto, idêntica às pulseiras recolhidas nos contextos cardiais valencianos.

#### 4.7. *Matéria orgânica*

##### *Carvão*

A utilização na campanha 3(99) de um crivo de malha fina permitiu a recolha de um número razoável de nódulos de carvão de muito pequenas dimensões, dispersos pela U.E. 2/3. No entanto, a extrema porosidade do sedimento não compactado que cobre o sítio coloca reservas quanto à proveniência e fiabilidade destes carvões enquanto amostras seguras para a aplicação de métodos de datação. Iguais reservas aplicam-se aos macro-restos vegetais recolhidos através desta peneira.

##### *Osso*

Os restos ósseos recolhidos, tal como em anteriores campanhas, apresentam-se sob a forma de esquirolas de pequena dimensão, encontrando-se dispersos pela área escavada.

O pequeno conjunto exumado nas três campanhas realizadas foi observado pelos técnicos de Arqueozoologia do Instituto Português de Arqueologia, Marta Moreno e Simon Davis.

O conjunto ainda que muito fragmentado, o que não possibilitou a identificação com segurança das espécies presentes e o seu carácter doméstico ou selvagem, permitiu constatar a presença de mamíferos integráveis em três categorias distintas: a presença de mamífero de dimensão grande, veado ou vaca, atestado pela presença de uma extremidade de tibia; mamíferos de dimensão média, ovi-caprinos ou corço/gamo, atestados pela presença de fragmentos cujas dimensões e morfologias são compatíveis com estas espécies; mamíferos de pequenas dimensões nomeadamente coelho.

As esquirolas apresentam sinais de fogo muito intenso e de prolongada combustão, compatíveis, no entender dos técnicos referidos, com um processo de incineração.

## 5. O sítio da Valada do Mato e o Neolítico antigo no interior alentejano

---

É objectivo deste ponto anunciar, apenas, algumas das questões e das hipóteses explicativas que podem ser apresentadas e construídas a partir da informação recolhida no sítio da Valada do Mato.

De entre os modelos de neolitização admitidos para justificar este processo, no território peninsular, parecem-me incontornáveis aqueles que estabelecem a entrada de grupos exógenos a este espaço como motor primeiro de um fenómeno irreversível. As consequências culturais dos processos de colonização em territórios previamente ocupados, materializam-se, ainda que a escalas e ritmos diferenciados, em processos de aculturação/miscigenação que o registo arqueológico deve conservar.

Perante esta dualidade, que só pode ser redutora, populações exógenas versus populações indígenas mais ou menos aculturadas, admito que o sítio da Valada do Mato, e outras ocupações do Neolítico antigo do interior alentejano, configurem uma “3.<sup>a</sup> via” possível, e não necessariamente pós-moderna...

A análise, ainda em curso, dos dados recolhidos na Valada do Mato evidencia um imbricado conjunto de características que, para já, não permite a opção linear por algum dos modelos de neolitização em discussão para o espaço peninsular.

Se alguns elementos estariam conformes a um modelo de cariz difusionista, uma vez que apresentam semelhanças nítidas com o repertório associado aos grupos cardiais ou epicardiais, algumas técnicas empregues na realização da utensilagem lítica enquadram-se na tradição do talhe mesolítico do Sul do actual território português (Araújo, 1995-1997).

Admitindo que devem ter existido fenómenos de aculturação, que justificam numa etapa final o abandono dos sítios ocupados ao longo do Mesolítico, a Valada do Mato pode resultar da expansão para o interior destes grupos mistos, resultado efectivo de um fenómeno de miscigenação, onde a componente neolítica parece assumir o papel central.

Uma expansão demográfica em curso ao longo do Neolítico, e que a posterior densidade e dispersão geográfica do megalitismo funerário confirmam, consequência da nova economia, permitiria absorver elementos da população indígena, e ocupar territórios até aí pontualmente utilizados.

O sítio da Valada do Mato não dispõe de datações absolutas, no entanto considero que estão presentes alguns indicadores de antiguidade relativa, e de um sistema cultural sem raízes nas populações do Mesolítico do Sul de Portugal.

A fraca percentagem de cerâmica cardial recolhida, que terá para alguns um significado sobretudo cronológico e, para outros, cultural, afasta esta ocupação do grupo dos enclaves cardiais de 1.<sup>a</sup> geração (Zilhão, 1992).

No entanto, o peso da cerâmica decorada e dentre deste conjunto a importância das cerâmicas impressas, o barroquismo evidente em algumas peças, a presença de um vaso com “figura orante”, são elementos que remetem, em meu entender, para contextos cronológicos e culturais não muito distantes da origem dos grupos neolíticos em espaço português.

A presença de uma indústria de pedra lascada sobre sílex, de clara feição lamelar, o recurso ao tratamento térmico, uma componente importante de utensílios *a posteriori*, a existência, ainda que pontual, de retoque em duplo bisel, de ponta de flecha transversal, de seta de Montclus, são igualmente traços que integrariam esta ocupação num momento, talvez tardio, do Neolítico antigo, eventualmente nos finais do VI milénio a.C.

Encarados estes elementos de forma isolada, o seu significado parece pouco claro, uma debitage lamelar, por exemplo, não é sinónimo absoluto de antiguidade. O sítio da Cabranosa (Cardoso et al., no prelo) que apresenta uma das datas mais recuadas para o

Neolítico em Portugal, e cuja personalidade cardial tem sido reafirmada, forneceu uma indústria sobre lasca, como as identificadas nas ocupações do Neolítico antigo evoluído do povoado da Salema (Silva e Soares, 1981) ou do Laranjal do Cabeço das Pias (Carvalho, 1998). Factores como as distintas funcionalidades dos sítios podem justificar diferentes indústrias líticas, num mesmo patamar cronológico.

É, também, a partir da análise dos materiais em pedra lascada que se pode negar uma origem puramente exógena para o grupo que ocupou o sítio da Valada do Mato. Se estão presentes, e em percentagens aproximadas, os principais grupos de utensílios que foram identificados nas ocupações do Neolítico antigo da Estremadura, a utilização sistemática, neste sítio alentejano, da técnica do micro-buril na construção de geométricos invoca uma componente de populações ou de técnicas do substrato no interior deste grupo, mas não o transforma linearmente numa comunidade indígena aculturada.

No sítio da Valada do Mato não se observa um fenómeno de aculturação de populações locais, que receberam estímulos “neolitizantes”. A ausência de ocupações mesolíticas no interior do território transforma estas em efectivas “colonizações” neolíticas operadas por grupos que transportam consigo um pacote cultural claramente definido.

Considero que a ocupação da Valada do Mato não se enquadra e não resulta do mesmo processo histórico que terá dado origem a grupos como os que encontramos em Vale Pincel, na Samouqueira II ou em Vale Vistoso (Silva e Soares, 1981).

Se estes sítios traduzem, antes de mais, continuidades com horizontes culturais anteriores, e que vão para além de alguns elementos da cultura material, porque se verificam nas estratégias de implantação no espaço, de organização das áreas e estruturas de *habitat*, exploração de recursos, a própria localização e implantação do sítio da Valada do Mato remete para outro quadro cultural, que ao contrário do anterior dispensa, seguramente apoiando-se nas novas técnicas de obtenção de alimentos, a segurança dos ecossistemas com componentes marinhos e estuarinos.

O sítio da Valada do Mato, assim como outros do interior alentejano que apresentam conjuntos artefactuais similares materializam uma componente do povoamento distinta da detectada, até agora, no Sul de Portugal, atribuída a uma etapa final do Neolítico antigo ou ao Neolítico antigo evolucionado, dos finais do VI ou inícios do V milénio a.C.

A distância à costa, aos estuários ou a qualquer linha de água de caudal significativo implica o definitivo abandono de recursos que estavam disponíveis em Vale Pincel I, na Samouqueira II, em Vale Vistoso, ou nas últimas ocupações dos concheiros do vale do Sado ou da ribeira de Muge, recursos cujo papel nas economias tardias de caça e recollecção parece fundamental.

A existência de novos padrões de exploração do espaço, de novas estratégias de implantação dos sítios de *habitat* poderá ser uma consequência arqueográfica da natureza “expansionista” dos sistemas produtores.

A continuação dos trabalhos de terreno no sítio da Valada do Mato poderá fornecer novos dados que permitam apresentar leituras mais próximas das realidades acontecidas, nos planos cronológico e cultural.

Oeiras, Outubro de 2000

## Adenda

---

Após a redacção final deste texto foi obtida uma datação absoluta sobre carvões provenientes do interior da estrutura circular designada como U.E. 5, e escavada na campanha 4(00). Este intervalo de tempo coloca nos finais do VI/I.º quartel do V milénio cal BC a fase terminal da utilização desta estrutura. Atendendo à raridade de datações absolutas disponíveis para contextos do Neolítico antigo em Portugal, e sendo a Valada do Mato o primeiro sítio desta fase cultural, no interior alentejano, a dispor de valores cronométricos de referência considerou-se pertinente divulgar de imediato o resultado numa breve notícia já publicada em:

DINIZ, M. (2001) - Uma datação absoluta para o sítio do Neolítico antigo da Valada do Mato, Évora. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 4:2, p. III-II3.

## NOTA

---

\* Centro de Arqueologia • Departamento de História • Faculdade de Letras de Lisboa

## BIBLIOGRAFIA

---

- ARAÚJO, A.C. (1995-1997) - A indústria lítica do concheiro de Poças de S. Bento. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série 4. 13-15, p. 87-159.
- CALADO, M.; SARANTOPOULOS, P. (1995) - Cromlech de Vale Maria do Meio (Évora, Portugal): contexto geográfico e arqueológico. In *I Congrès del Neolític a la Península Ibérica. Rubricatum*. Gavá. 1-2, p. 493-503.
- CARVALHO, A. F. (1998) - *Talhe da pedra no Neolítico antigo do maciço calcário das Serras d'Aire e Candeeiros (Estremadura Portuguesa). Um primeiro modelo tecnológico e tipológico*. Lisboa: EAM - Estudos Arqueológicos da Bacia do Mondego.
- CARDOSO, J.; CARVALHO, A.; NORTON, J. (no prelo) - A estação do Neolítico antigo de Cabranosa (Sagres, Vila do Bispo): estudo dos materiais e integração cronológica-cultural. *O Arqueólogo Português*. Lisboa.
- DINIZ, M.; CALADO, M. (1997) - O povoado neolítico da Valada do Mato (Évora, Portugal) e as origens do megalitismo alentejano. In *II Congreso de Arqueología Peninsular*. Zamora: Fundación Afonso Henriques, 2, p. 23-32.
- MARTÍ OLIVER, B., MAURO, S.; HERNÁNDEZ, P. (1988) - *El Neolític Valencia. Arte Rupestre e cultura material*. Valencia: Servei de Investigació Prehistòrica.
- MUNSELL (1994) - *Soil Color Charts*. New York: Gretag Macbeth.
- SANCHES, M. J. (1997) - *Pré-História recente de Trás-os-Montes e Alto Douro*. Porto: Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia.
- SILVA, C. T.; SOARES, J. (1981) - *Pré-História da Área de Sines*. Lisboa: Gabinete da Área de Sines.
- VALERA, A.C. (1998) - A neolitização da bacia interior do Mondego. In *A Pré-História na Beira Interior*. Viseu: Centro de Estudos Pré-Históricos da Beira Alta. 6. p. 131-148.
- ZILHÃO, J. (1992) - *Gruta do Caldeirão. O Neolítico antigo*. Lisboa: Instituto Português do Património Arqueológico e Arquitectónico (Trabalhos de Arqueologia; 6).